

09 edo-
27/4/97 16
1296



CACIQUE JOÃO: histórias para que as crianças aprendam o que é respeito

Tribo de Angra se indigna com a morte de Galdino

'Nunca fomos respeitados, mas agora matam a gente até assim, por nada', afirma vice-cacique

Letícia Helena

• "Um dia, as crianças chegaram chorando e dizendo: 'Vovô, tem gente morta lá do outro lado do rio'. Tinha um homem branco caído. Estava bêbado e tinha invadido nossa terra. Chamei um funcionário da Funai e pedi para levar o homem embora. No dia seguinte, encontrei o homem na estrada. Nada tinha acontecido com ele. É assim que a gente trata um ser humano: com respeito. Mesmo quando a pele dele é diferente da nossa".

A história, contada pausadamente, misturando português e guarani, serve para o cacique João Karai, chefe da tribo sapukai, de Angra dos Reis, expressar sua indignação com a morte de um "irmão de lutas": o pataxó Galdino dos Santos, queimado vivo por cinco adolescentes, em Brasília, no dia 20.

Galdino pretendia levar projeto educacional para a Bahia

Mesmo vivendo a centenas de quilômetros dos guaranis, Galdino estava ligado a eles por uma proposta: pretendia levar o projeto educacional dos índios de Angra para sua tribo, no Sul da Bahia. Um anseio que teve fim com a morte violenta. Galdino havia procurado os guaranis por meio do Ministério da Educação. O projeto educacional da tribo de Angra recebera um prêmio do MEC, atraindo a atenção de outras comunidades. Os índios de

Angra pensavam até em convidar Galdino para conhecer o trabalho desenvolvido pelo professor Argemiro, filho do cacique.

Além de contar a história para as crianças da tribo, que têm aulas em português e guarani, os 402 índios de Angra tomaram outra providência: fizeram um ritual em homenagem a Galdino. Em meio às orações, pediram paz de espírito para os assassinos.

À tristeza pela morte do pataxó juntou-se outro sentimento: o medo da violência. O vice-cacique da tribo, Luiz Eusébio, lembra que a comunidade nunca teve problemas de relacionamento com os brancos, nem foi vítima de violência. Mas o choque com a morte do pataxó mudou essa sensação de tranquilidade:

— Ficam dizendo por aí que índio é ladrão de terra. Do Galdino, diziam que estava bêbado. Isso cria uma impressão ruim. Nunca fomos respeitados, mas agora matam a gente até assim, por nada — afirma.

Os guaranis da tribo itati, de Parati-Mirim, distrito de Parati, também ficaram chocados. São cerca de 50 pessoas que, como os índios de Angra, vivem da venda de artesanato e da agricultura de subsistência. O vice-cacique Afonso Roque Benite conta que soube da morte de Galdino pelo radinho de pilha e que apenas no dia do enterro viu imagens na TV a bateria da tribo.

— Agora a gente só espera que seja feita justiça — diz. ■